

□ Balanço

Sarney garante que País cresce

O presidente afirma também que em seu governo o Brasil não enfrentou a recessão

BRASÍLIA — O presidente José Sarney disse ontem, no programa semanal **Conversa ao pé do rádio**, que "o Brasil cresceu mais de 20%" durante o seu governo. "Significa que não tivemos recessão", observou. Satisfeito com os dados do IBGE, afirmou: "Quando dizem que o País está parado, nós vamos com os números e mostramos que neste último semestre, também, nós tivemos a maior taxa de crescimento da década". Sarney acrescentou: "Agora, nós temos também a menor taxa de desemprego" (3,17%). Lembrou ter recebido o governo com uma taxa de desemprego de 8,5%. A inflação "terrível", porém, ele confessou não ter conseguido vencer.

"Sempre tive a preocupação de dar o combate à inflação sem esmagar os mais pobres e dediquei todo o nosso esforço ao so-



Sarney: "Sempre tive a preocupação de dar o combate à inflação sem esmagar os mais pobres"

cial", garantiu. E completou: "Ninguém tem sofrido mais com a inflação do que eu". Para o presidente, o saldo é positivo: "O crescimento está assegurado, o desemprego também está baixo, a liberdade é total, nós estamos

vendo as eleições e a democracia restaurada".

Depois de lembrar a comemoração do 7 de Setembro, o presidente Sarney disse que, durante os cinco anos de seu gover-

no, "o Brasil passou a ser, ao invés do país que importava alimentos, o país das supersafras". E anunciou a distribuição de 500 mil toneladas de arroz, em pacotes de cinco quilos, para "os verdadeiramente necessitados".

□ Í N T E G R A □

É a seguinte a íntegra do programa **Conversa ao pé do rádio** de ontem:

"Basilceiras e brasileiros, bom-dia. Aqui vos fala o presidente José Sarney, e vocês estão todos participando de mais uma **Conversa ao pé do rádio**, como acontece todas as sextas-feiras, hoje, dia 8 de setembro de 1989.

Ontem, tivemos o nosso 7 de setembro, as comemorações do Dia da Pátria, a nossa Independência e que, como sempre, teve como ponto alto o desfile militar que representa a preparação e a fidelidade de nossas Forças Armadas. Pela última vez, no meu mandato, presidi o grande desfile dando mais uma vez o meu testemunho sobre o irreprensível papel das nossas Forças Armadas na transição democrática. Minha homenagem, portanto, no Dia da Pátria, à Marinha, Exército e Aeronáutica, guardiãs das instituições democráticas e da ordem e entregues à sua missão constitucional.

Dentro das celebrações do 7 de setembro falei na noite de ontem, pelo rádio e televisão, para realçar às **brasileiros e brasileiras o que sempre digo na intimidade dessas nossas conversas ao pé do rádio** de todas as sextas-feiras. É que eu creio no Brasil. Eu não temo pelo futuro desta grande nação.

Eu cheguei ao governo de cabelos pretos, e neles, está a marca de minha luta. Tenho a consciência de que dei tudo de mim e à nossa Pátria eu nada neguei, nem a angústia de sofrer muitas vezes calado nem a coragem de parecer fraco para tornar forte a liberdade que nós implantamos. Em meio a esta sofrida luta que tenho enfrentado pela democracia e pela felicidade de nossa gente, eu devo acrescentar o sacrifício silencioso de minha família e de meus verdadeiros amigos.

Eu acredito no povo e no Brasil e não tenho medo do julgamento da História. Quando passar a faixa presidencial ao meu sucessor, eu sairei do governo para o seio do povo, como cidadão comum, maranhense e brasileiro, brasileiro e maranhense como nasci, vivi e viverei. Todos sabem que o poder não me alterou em nada e eu continuo a ser e continuarei sendo sempre o homem simples que eu sempre fui.

Eu quero viver para ver o Brasil de amanhã, livre como eu ajudei a tornar-se, forte como todos nós desejamos, tolerando, como ele sempre me ensinou a ser e soberano como o Brasil sempre foi.

Repito, quero viver para ver o Brasil com que todos sonhamos. O que me coube fazer, eu fiz. E farei até o fim. Errei algumas vezes, e, se errei, foi porque errei faz parte da condição humana. Mas eu tenho a convicção absoluta de que sempre eu estava procurando acertar e fazer o melhor. A sociedade democrática, participativa, organizada é uma conquista definitiva, que meu governo deixa para o País. É um marco histórico.

Aproxima-se a eleição para a Presidência da República, garantida por mim e pelo meu governo, em nome do povo e para o povo. Por isso, é com a consciência do dever cumprido, que eu convido a Nação para que, juntos, participemos em 15 de novembro do momento supremo da democracia, que é a primeira eleição presidencial, em quase 30 anos. Cumpre-se o que eu prometi. É a transição garantida, é o Estado de Direito, a conquista que assegura ao homem todas as outras conquistas. Paz, trabalho, liberdade e democracia.

Estas palavras são palavras que são necessárias, mais uma vez, neste 7 de setembro que é a data da nacionalidade. Passando a outro assunto, quero dizer que o governo tomou a decisão de promover a distribuição de mais de 500 mil toneladas de arroz remanescentes da nossa última safra e que vai chegar em sacos de cinco quilos às mãos das famílias mais pobres, os verdadeiramente necessitados. Com esse novo programa, nós damos continuidade à luta pelo social.

Ontem foi a distribuição do leite para as crianças carentes, foi a farmácia básica, e o livro didático, foi a merenda escolar, são as creches, são os centros de convivência para idosos, e o vale-transporte e, agora, é o arroz para o povo. De-

sapareceram as importações de gêneros, as filas atrás de feijão, de arroz, de comida que nós estávamos acostumados a assistir no Brasil. Graças à proteção que Deus me deu, durante estes cinco anos o Brasil passou a ser, ao invés do país que importava alimentos, o país das supersafras.

Também quero dizer que na última sexta-feira eu falei da minha viagem a Rondônia, Porto Velho, Labrea e Manaus. Falei até de Manaus a todos vocês. Naquela sexta-feira, no resto do dia, eu fui a Roraima e ali assinamos inúmeros acordos. Encampamos, através da Eletro Norte, o parque de energia elétrica do Estado e vamos montar novas usinas para acabar com o racionamento e com a falta de energia que inibe o desenvolvimento da região. Ali também tivemos a oportunidade de visitar um grande hospital que nós estamos construindo, bem como assinamos os atos fundamentais da Universidade de Roraima, recém-fundada.

Tive a satisfação de receber uma carinhosa recepção do povo de Boa Vista. Também ali afirmo que nós vamos terminar a estrada Manaus-Caracaria-Boa Vista e, de Boa Vista ao marco BV-8 na fronteira com a Venezuela. Visitei também uma nova frente agrícola no Brasil que é a frente da plantação de soja no Estado de Roraima.

Ao povo de Roraima, aos homens e mulheres, ao governador Romero Jucá que está fazendo uma administração excepcional com grande espírito público, com a sua experiência, com o seu talento, a minha homenagem e o meu agradecimento. E para finalizar eu quero dar alguns números que mostram a força do nosso Brasil. É que neste mês que passou nós tivemos a mais baixa taxa de desemprego que nós obtivemos no País nesta década: 3,17%. É uma taxa quase residual. Quando dizem que no meu governo tivemos a maior inflação, eles esquecem que também nos tivemos a menor inflação. Quer dizer, tivemos zero por cento de inflação durante o Plano Cruzado.

Quando dizem que o País está parado, nós vamos com os números e mostramos que neste último semestre, também, nós tivemos a maior taxa de crescimento da década. E, agora, nós temos também a menor taxa de desemprego. Em Porto Alegre, por exemplo, essa taxa foi de 2,73%, a mais baixa do Brasil. O que eu fiz durante todo o governo foi prometer que nós não queríamos nem recessão nem desemprego. Pois bem, graças a Deus pudemos cumprir esta tarefa.

No meu governo o Brasil cresceu mais de 20%. Significa que não tivemos recessão. E recebi o governo com uma taxa de desemprego em 8,5%. Derrubei esta taxa pela metade e agora ela baixa da metade para ficar em cerca de 3%. Também com dados do IBGE, nós tivemos que o rendimento real médio das pessoas ocupadas em junho aumentou 4% em relação ao mês passado, sendo que os empregados com carteira assinada tiveram um ganho de 6% e os sem carteira tiveram um ganho de 20% e os que trabalham por conta própria tiveram um ganho de 34%.

Tudo isso acontece em meio a esta inflação que é terrível, que não foi inventada por mim, que tudo fiz para acabar e, que, infelizmente, não consegui. Mas sempre tive a preocupação de dar o combate à inflação sem esmagar os mais pobres e dediquei todo o nosso esforço ao social. Ninguém tem sofrido mais com a inflação do que eu. A maior vítima da inflação no Brasil tem sido o presidente da República. E, graças a Deus, nós temos, com esta luta, procurado equilibrar as dificuldades para que nós não tenhamos maiores problemas com o nosso Brasil.

O crescimento está assegurado, o desemprego também está baixo, a liberdade é total, nós estamos vendo as eleições e a democracia restaurada. Enfim, o Brasil vencerá. Vocês brasileiros e brasileiras sabem que eu nunca deixei de acreditar e nunca saí do meu posto de sacrifício para comandar o barco. Barco este que felizmente vence as tempestades. Bom-dia e muito obrigado."

Presidente distorce sentido dos números

O crescimento diminuiu desde 1985 e nada foi feito seriamente para derrubar a inflação

ROLF KUNTZ

O presidente José Sarney cometeu pelo menos dois erros graves em sua fala de ontem pelo rádio. "Não tivemos recessão", disse ele, referindo-se a seus anos de governo e tomando como base os índices oficiais de crescimento. Pouco adiante acrescentou, comentando a evolução recente da economia: "Tudo isto acontece em meio a esta inflação que é terrível, que não foi inventada por mim, que tudo fiz para acabar e que, infelizmente, não consegui".

Se o presidente quiser citar os dados oficiais de produção, terá de reconhecer uma recessão pelo menos no ano passado, quando o Produto Interno Bruto (PIB) por habitante caiu 2,3% em termos reais, de acordo com a Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O PIB por habitante pode estar caindo também neste ano, se se confirmar a previsão de crescimento econômico próximo de zero (entre menos 1% e mais 1%). Basta o PIB crescer apenas 2,3% ou 2,4% para a variação do produto per capita ser igual a zero, já que esse é o ritmo de aumento da população.

PERDA DE IMPULSO

O presidente mencionou também, como mérito de seu governo, uma expansão econômica superior a 20%, em termos acumulados, ao longo de seu mandato. Se for considerado o período de 1985 a 1988, o aumento do PIB chega a 20,3%, assim distribuído no tempo: 8,3% em 1985, 7,6% em 1986, 3,6% em 1987 e menos 0,3% em 1988. Em 1985 a economia estava em recuperação. Entre 1981 e início de 1984 a produção se manteve em níveis muito baixos, com alto desemprego e violento arrocho salarial. A reação iniciada em 1984 prosseguiu no primeiro ano do período Sarney. Em 1986 houve o Plano Cruzado, mas, apesar disso, a expansão econômica foi menor que a do ano anterior. Um ponto é claro: durante o mandato do presidente José Sarney, até o ano passado, o desempenho da produção foi cada vez pior, de acordo com os números do IBGE. Ele conseguiu, portanto, reduzir o impulso da economia, ao invés de fortalecê-lo.

Nem todos acreditam num desempenho econômico tão ruim no ano passado. Para alguns economistas, o IBGE tem subestimado o crescimento e não só por causa da famigerada economia informal, mas por problemas de

informação e de ponderação. O desempenho da agropecuária, dizem alguns, de nenhum modo se reflete no 0,4% negativo registrado pelo IBGE no ano passado. Mas nada disto anula o erro cometido pelo presidente e muito menos desculpa a sua interpretação arrevizada dos números oficiais.

RUMO AOS 2.000%

Suas afirmações a respeito da inflação, da responsabilidade de seu governo e da seriedade de seus esforços também se esborracham contra os fatos. Em primeiro lugar, ele pode não ter inventado a inflação, mas sua política a levou aos níveis atuais. Em 1985 o Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC) subiu 239%. Ele não pode culpar os governos passados por estarem os brasileiros enfrentando, hoje, uma inflação acima de 30% ao mês. Isso corresponde, em termos de tendência, a 2.200% ao ano. Não é esse o resultado previsível quando se faz tudo, como o presidente disse ter feito, para liquidar a inflação. Na verdade, ele nada fez além de dar os passos iniciais das políticas de choque: congelou preços, mas não realizou nenhum dos ajustes necessários. Raramente a política monetária foi na direção certa, durante os últimos quatro anos e meio, e o déficit público nunca foi seriamente atacado.

QUENTE DEMAIS

O presidente também se refere, ao comentar o crescimento econômico, à elevação do emprego e do rendimento médio real das pessoas ocupadas nos últimos meses. De fato, o nível de atividade pode ser considerado bastante satisfatório, hoje, e o crescimento dos negócios foi muito claro desde o segundo trimestre. Essa evolução, no entanto, não resulta de uma sábia política econômica inspirada pelo presidente da República. Ao contrário: é uma consequência do alto nível de liquidez da economia, isto é, do perigoso volume de dinheiro disponível no mercado. A produção se reativou, no início do segundo trimestre, porque os consumidores foram às compras com entusiasmo e as empresas tiveram de recompor seus estoques. Mesmo depois de implantada uma política de juros reais positivos no final do semestre, os mercados continuaram aquecidos e assim permanecem até hoje porque ainda há dinheiro em excesso na economia. Os ministros econômicos certamente gostariam de atuar com mais instrumentos — com uma séria política de contenção fiscal, por exemplo. Falta-lhes base política para isso. Essa base o presidente não construiu em quatro anos e meio.